


Bullying e Educação Física: entenda a relação e saiba como agir

O BULLYING É CONSIDERADO UMA QUESTÃO DE SAÚDE PÚBLICA E EXIGE ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO. DENTRE SUAS CONSEQUÊNCIAS, ESTÁ O MAIOR RISCO DE DESENVOLVER TRANSTORNOS ALIMENTARES E EMOCIONAIS, COMO ANSIEDADE, DEPRESSÃO, ABUSO DE DROGAS E ATÉ SUICÍDIO



Com a repercussão do controverso seriado “13 Reasons for Why” e a veiculação de notícias referentes a suicídios causados, supostamente, pelo jogo Baleia Azul, as questões relacionadas à saúde mental de crianças e adolescentes nunca estiveram tão em alta. Para subsidiar o debate, dados divulgados pela BBC Brasil indicam que, entre 1980 e 2014, a taxa de jovens entre 15 e 29 anos que tiraram a própria vida aumentou 27,2% no país. As informações do Mapa da Violência 2017 chocam e exigem reflexão não apenas dos familiares, mas também da sociedade e, é claro, dos educadores.

A depressão é uma das principais causas do suicídio na adolescência e pode ser desencadeada por várias situações, dentre elas, o bullying. Segundo o governo federal, caracteriza-se a intimidação sistemática (bullying) quando há violência física ou psicológica em atos de humilhação ou discriminação e, ainda, a intimidação sistemática na internet (cyberbullying), para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.

No seriado da Netflix – elogiado por uns e condenado por outros – a personagem principal aponta, ao longo da trama, as razões que a fizeram cometer o suicídio. Nos episódios, são apresentadas diversas situações de bullying que os adolescentes vivenciam na escola. Neste contexto, faz-se necessária a reflexão da relação da Educação Física Escolar com o fenômeno do bullying. É sabido que as aulas podem proporcionar situações em que o indivíduo visto como inferior é exposto, estando vulnerável aos seus agressores e demais colegas.

Em entrevista à Revista Educação Física, o Especialista em Educação Física Escolar e Mestre em Ciências da Atividade Física, Rodrigo Silva Perfeito [CREF 033507-G/RJ], explica que as aulas de Educação Física, por sua natureza, podem criar situações de competitividade, agressividade e até discriminação. “Essas características estão naturalmente presentes em diversos jogos e esportes, ferramentas muito utilizadas em aula. Mas apenas se tornam aspectos negativos na ausência de planejamento ou quando são inseridas em momento inoportuno”.

E se não estiver aplicada no momento errado, acredite: a discriminação não é nociva – pelo menos é o que defende Rodrigo. “A palavra discriminar significa atribuir características que diferenciam algo. E este é um elemento natural da vivência em sociedade e das aulas de Educação Física. O problema ocorre quando os alunos não são incentivados a entender que o diferente existe e é normal. Em outras palavras, não é com as discriminações que devemos nos preocupar, mas sim com as situações em que as mesmas são utilizadas para classificar e atribuir inferioridade ao outro, criando estigmas que podem ferir o imaginário de vida do agredido”.

Mas qual é o papel do Profissional de Educação Física a fim de impedir que isso aconteça? Para Rodrigo, não existe uma fórmula pronta, mas a solução está no diálogo entre os corpos docente, discente e administrativo. Esse trabalho, por mais que envolva toda a comunidade escolar, nas aulas de Educação Física tem suas particularidades. Segundo Rodrigo, em qualquer atividade coletiva, só é possível alcançar os objetivos se todos apresentarem habilidades diferentes que, unidas, formarão uma equipe. Por exemplo: “O ótimo chutador, que faz muitos gols, somente será evidenciado como o mais importante da atividade, se o professor de Educação Física não construir a ideia de que não importa quantos gols o aluno A fizer, se o aluno B não for bom goleiro, se o aluno C não for bom no desarme”, explica.

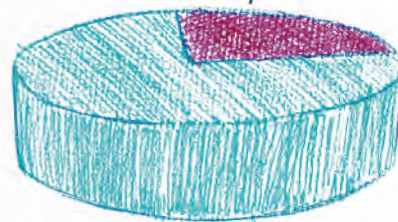
Mas é preciso que o professor construa essa ideia nos alunos. “Sem a menor dúvida, o aluno que é escolhido por último na divisão de times e não chuta bem, possui outras habilidades que são até mais importantes que a simples marcação do gol. Como os alunos são iludidos pela nobreza do artilheiro, induzida pelas mídias, cabe ao professor desconstruir essas percepções destituídas de valor e inserir conceitos de cooperação e equipe”.

Caso esse trabalho não seja bem desenvolvido, vêm as consequências: “O bullying é internalizado de modo único e individual em cada agredido, podendo causar sentimentos de revolta, agressividade e, também, de inferioridade. Neste último caso, cria-se uma imagem virtual estimulada pelos estigmas de descrédito que identifica a vítima como inferior e incapaz”. E aí começam a aparecer os prejuízos: “Uma das reações do agredido é deixar de fazer qualquer atividade que possa estimular outro episódio de preconceito”, indica Rodrigo.

Para os professores mais tradicionais, vai um alerta: De acordo com o especialista, a simples punição do agressor, como é feito na maioria das escolas, não é uma boa opção. Isso porque apenas puni-lo não repercutirá o entendimento do fenômeno. Tanto é que de acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), de 2015, o percentual de alunos que informaram praticar bullying (esculchar, zombar, magoar, intimidar ou caçoar algum de seus colegas da escola de tal forma que ele tenha ficado magoado, aborrecido, ofendido ou humilhado) nas escolas para as quais há uma regra de proibição atinge 20,1%. Nas escolas onde inexistente a norma, o percentual de estudantes que relataram a prática foi de 17,1%.

DEPRESSÃO ENTRE JOVENS BRASILEIROS

21% DOS JOVENS DE 14 A 25 ANOS TÊM SINTOMAS DE DEPRESSÃO

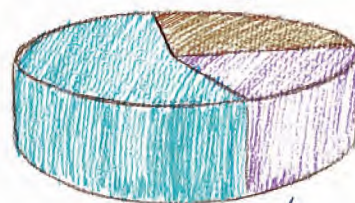


788 ADOLESCENTE DE ATÉ 19 ANOS COMETERAM SUICÍDIO EM 2013 NO PAÍS

FONTE: LEVANTAMENTO NACIONAL DE ÁLCOOL E DROGAS (LENAD)

ALUNOS QUE AFIRMARAM PRATICAR BULLYING

20% SÃO DE ESCOLAS ONDE HÁ REGRA DE PROIBIÇÃO



17% SÃO DE ESCOLAS ONDE INEXISTE A NORMA

FONTE: PENSE 2015

“Saber identificar os sinais é o primeiro passo para encaminhar o aluno a setores da saúde que terão mais capacidade de interagir com o ocorrido. Acredito muito no papel preventivo que a reflexão simbólica pode causar”

TRAUMAS PODEM SER LEVADOS PARA VIDA ADULTA

A relação dos jovens com a Educação Física Escolar pode fazer a diferença entre uma vida adulta ativa e saudável ou sedentária. “Se um dos sinais de descrédito é a baixa motricidade, raciocínio lógico da tarefa, ou semelhantes, este aluno fará de tudo para não ser percebido nas aulas de Educação Física, e uma das maneiras de fazer isso com eficiência é a não participação”, explica Rodrigo Silva.

E sem uma boa base na infância, a vida adulta fica comprometida. Mas nem é preciso esperar tanto para começar a ver os efeitos negativos, de acordo com o especialista. No curto prazo, eles já aparecem: “Há a aquisição de doenças de cunho psicoemocionais. Como essa identidade construída pelo bullying permanece internalizada no sujeito e o arremete a sensações ruins, como a incapacidade, mesmo em período pós escola, existirá uma ligação entre exercício e sentimentos tristes, fazendo com que o cidadão busque, em sua concepção, algo que tenha real possibilidade de fazer, como por exemplo, usar bem um computador”.

Problemas ainda mais graves podem ser desencadeados por situações de bullying, como depressão e suicídio. “Saber identificar os sinais é o primeiro passo para encaminhar o aluno a setores da saúde que terão mais capacidade de interagir com o ocorrido. Acredito muito no papel preventivo que a reflexão simbólica pode causar. Se a escola não consegue atingir seus alunos os inserindo de corpo vivido na trama, de nada adianta cartazes com frases negativas do tipo: diga não ao bullying”.

O Centro de Valorização da Vida realiza apoio emocional e prevenção do suicídio, atendendo voluntária e gratuitamente todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo por telefone, email, chat e Skype 24 horas todos os dias.

Ligue 141 ou acesse www.cvv.org.br.

QUANDO O EDUCADOR É PARTE DO PROBLEMA

Ainda na graduação, Rodrigo Silva, que é autor de dois livros sobre a temática: “Jogos Cooperativos contra o Bullying: Uma possível ferramenta para o combate da violência” e “A Educação Física e o Bullying: A DesUtilização da inteligência”, começou a identificar nos companheiros de universidade sintomas de inferiorização, criação de grupos sociais estigmatizados, entre outros fenômenos. “E o que me feria de verdade era a real sensação de que os futuros professores, que deveriam combater o preconceito, o naturalizavam de uma maneira que não deixava dúvidas: eles não tinham a menor ideia do que estava acontecendo ali”.

Mas Rodrigo não deixou que essa realidade o desmotivasse, pelo contrário: “Busquei a constatação por meio de estratégia científica em um artigo sobre a naturalização do bullying por parte do professor de Educação Física”. E constatou que “como não entendemos tão bem o fenômeno, naturalizamos o preconceito, e como somos objetos de cópia ou conduta para nossos discentes, simplesmente perpetuamos essa discriminação na sociedade”. Daí vem aquela teoria que Rodrigo defende sobre a punição, lembra? “Por isso

não acredito na punição direta do agressor do bullying, pois me perguntaria na hora: quem vai me punir pelo pedacinho da fatia do bolo para o qual cedi o ingrediente”?

Que a culpa do bullying existir não é pontual, mas coletiva, não resta dúvida. E também não é na busca de um culpado que devem se concentrar os esforços, mas no encontro – ou desenvolvimento – de uma solução para o problema. E, se ainda restavam dúvidas, está cada vez mais claro para você, professor de Matemática, Português, Geografia e, principalmente, Educação Física, que também é sua responsabilidade combater essa realidade que atinge um em cada dez estudantes no Brasil.

Em 2015, foi instituído o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (bullying), em todo o território nacional, por meio da Lei 13.185/2015. A legislação é considerada um marco jurídico de combate ao bullying e a primeira lei nacional com objetivo de prevenir e combater a prática da intimidação sistemática no país.

SITUAÇÕES DE BULLYING NA ESCOLA

O que é - O bullying é uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas.

O que o professor pode fazer - Dialogar sobre os efeitos negativos que determinadas atitudes podem causar na vida de terceiros. O preconceito, como qualquer forma de agir, é aprendido, e deve-se repreendê-lo na sociedade. É preciso haver discussões sobre o assunto para que ele seja melhor entendido pelos alunos, resultando na minimização dos atos que visam inferiorizar alguém.

Como a escola deve agir - Os corpos docente, discente e administrativo da escola devem se reunir para criar ideias de inserção de políticas educacionais que aproximem os atores do preconceito diante das repercussões negativas que o bullying pode causar.

Punição - Punir o agressor não garante o entendimento do fenômeno. Em muitos casos, o agressor chega a essa posição por ser vítima em outro espectro social ou simplesmente por não compreender as repercussões futuras de seus atos, ou ainda, por ter aprendido na vivência com o outro que a ridicularização é algo divertido.

ENTENDA A DIFERENÇA:

BULLYING

- Termo modístico e generalista
- Ato repetitivo com objetivo de causar prejuízos físicos ou simbólicos à vítima
- Intenção de ridicularizar a vítima diante dos que assistem
- Composto por três agentes: agredido, agressor e espectador

RACISMO

- Preconceito específico
- Agressão pela percepção de superioridade de raças e/ou etnias
- No Brasil e em boa parte do mundo, ocorre, por exemplo, pelo autoflagelo da raça negra, ou agressões que ela sofre diante de outras que se percebem superiores
- Racismo é crime, portanto, atitudes racistas são caso de polícia